APPALOOSA
Online Indie Pusblishing



A LITERATURA É O ÚNICO DELÍRIO POSSÍVEL

A Literatura é o Único Delírio Possível

Eric Moreira

Livro: AP0010

Moreira, Eric

A Literatura é o Único Delírio Possível Eric Moreira – 1 Ed. 2017 Appaloosa Online Indie Publishing

Capa:

Unsplash | Public Domain

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing Felippe Regazio / Publisher

Este Livro Contém:

. A Literatura é o Único Delírio Possível

Para Bruna

Pelas dissertações escritas entre beijos, pernas e roupas Pelos poemas nascidos entre carinhos & afagos Pelos ciúmes & também pelos cuidados Eu queria ver as caras dos estranhos embaixadores da Bondade quando me vissem passar entre as rosas de lama firmentando nas ruelas onde a Morte é tal qual uma porrada

Trecho de L'ovalle delle appariozioni, de Roberto Piva

Vênus contra Marte

é hora de dizer claramente como são as coisas: você abre suas portas suas pernas s eus braços sua boca seu corpo você se escancara eu embarco em você

Trecho de Poemas para ler em voz alta, Claudio Willer

Como duas veias poéticas que colidem e explodem

Somos deuses e maquinas feitos um para o outro, como engrenagens que se encaixam a favor de algo maior;

como deuses que se unem e formam universos inteiros;

como duas veias poéticas que

colidem e explodem

no meio de uma leitura

poética madrugada a dentro Somos como Venus e Marte atravessados na cama; você amorosa — ama a mim e a vários outros — eu como ciúme e paixão

(pulsão de morte), tentando te convencer a vir pro meu lado

e sermos só nós dois

Contra o mundo Suas coxas deliciosas que envolvem a minha cintura; meus poemas de livre associação pulam na minha cabeça durante o sexo,

podia manter um assistente e escreveria um livro de poemas

por cada transa

nossa na tua casa Que se fodam os literatos e os leitores sensíveis Meu gozo é a morte de todos os descrentes, contra tudo o que proíbe

Para o bem e para o mal Atravessar teu tempo e teu timing com meus olhos de carinho,

com minhas juras de

amor que

nunca serão falsas E deitar no teu colo de deusa-bruxa-amor

Sem medo de

escrever clichês Sem medo de associar imagens que se contradizem; porque todo Homem é contraditório

e todo

amor é um paradoxo em si

Podia te deixar livre, voando pelo mundo, mas não teria certeza de te ver outra vez

Então eu armo minhas armadilhas de deus possessivo pra te prender do meu lado e cultivo a vontade de te cuidar como uma coisa rara no mundo

> Talvez já sejamos o melhor que poderíamos ser Talvez nosso encontro seja a nossa ruína Talvez todas as potencialidades residam Nas construções que faríamos juntos

Mas então, se não tomamos a vida de assalto e corremos os riscos de acabarmos como dois mutilados

amantes mortos não saberemos o

que é que a vida

Reserva pra nós

Nossos corpos nus, num colchão no

chão

Ou ter filhos em Madrid Sonhos

novos ou sonhos antigos

Repousando sobre nossas cabeças embrasadas de conhaque & canela Você dizendo coisas loucas & e eu topo

0

que você quiser

Somos dois noturnos que sonham:

Bricks & luxúrias Nosso jardim de delícias sendo

construído

Centímetro por centímetro Com a calma de um criador

de Bonsai.

Marte não se enciuma de Vênus velando Adônis morto

Sou devoto do contato direto da carne, das boas conversas e de vinhos de várias vinícolas;

Das coxas azeitadas que escorrem o óleo bom, apaixonadamente louco pelas formas que tomam as bocas que falam,

pelas cabeças que repousam no meu colo

pós-coito e

pelas mãos que tomam meu peito e

meus pelos,

com os dedos

cheios de pavor

do futuro.

Cães & cadelas noturnos rosnando contra o total gozo dos corpos

e uma lua atravessada n'um inferno qualquer,

transformando libertinos em

apaixonados

e beatas em loucas

ninfomaníacas.

Sou devoto do contato direto da carne mas da tua com a minha de vinhos de várias vinícolas, mas da minha safra só teu um.

E você pode tomar todos os Adônis do mundo que não darão um

Marte louco, como eu.

Você, por outro lado, não tento completar com nenhum outro par e não

sou desses que se apaixonam e se matam por Tisbe.

Mataria o leão sem me matar primeiro e você talvez me encontraria sob a árvore limpando a espada

de sangue.

Louco pra ouvir a forma como você diz coisas de amor e a forma que toma a tua boca quando fala.

Tua cabeça no meu colo pós-coito

e as tuas mãos que me correm com desejo, fervendo coisas no meu sangue que eu conheço e não entendo

com um gozo renovado de quem torna-se obsessivo

com um

único objeto de prazer. Empenhado em abrir teu corpo como cofre usando minha língua

como chave.

Vênus desarma Marte

Miles Davis tocando Venus de Milo na madrugada de delírio

Abstinência e tremor, uma febre irrefreável e você longe com teus step-boys

Esculturas de bronze me cercam na noite
e a chuva me pega a contravento longe das tuas
coxas

30 dias contigo valeram mil dias de delícias e valerão décadas de inferno quando você não estiver mais.

Você, além de tudo, é Abismo

Uma cova e um labirinto uma fonte de sexo e gozo infinito tua mordia cravou

eternidades em mim.

Teu chupão no meu pescoço ainda se esconde sob a pele. Meu pau vibra ao ouvir o teu nome.

Eu sou velocidade e você é tempo Somos aceleração. Venus e Marte

de nós surgem Eros e Harmonia mas Vulcano persegue nossos desejos.

Um velho coxo que arma suas armadilhas contra nós.

Eu me perco

Eu sou

a Guerra

Eu sou o que sou quando mergulho nas tuas pernas.

Quero me derramar sem culpa

sem pecado e sem moral

no teu corpo.

Meu reflexo no espelho é a mais pura Raiva de um cão que rosna.

Você é a doçura que se deita sobre mim. Você é o carinho que deposita sobre meu corpo.

A dúvida de quem somos

e o que

seremos

 $\acute{\rm e}$ o menor dos problemas quando tudo o que tenho $\acute{\rm e}$

Paixão e

Ciúme.

Rios derramam como cachoeira quando nos tocamos e quando não pegamos nossos corpos juntos o que resta é o Árido

> é o cuspe minguado e a Raiva seca

> > de olhar o horizonte e

ver que o que resta

é uma poesia de ódio

contra os que

incomodam o meu Amor.

É PORQUE O DESESPERO ME DEVORA

Acordei num humor cruel, coisa de homem mau Levantei da cama olhando atravessada a vida inteira, com duas cervejas e um conhaque

atravessado na garganta dizendo coisas ruins a quem eu amo

Fumei dois maços de cigarro e a noite caiu como um soco na minha boca

Não

sou não vi não sei

O que acontece nesses dias em que acordo virado no capeta e a tela em branco parece um alvo

Escrevendo como quem metralha um

corpo

Com o pau feito

bandeira em mastro

Falocêntrico, belicoso, cheio de raiva e um sorriso sacana.

Meus meninos rodam os bares, minhas meninas rodam... Poemas mal·lidos rasgos no peito balas que

despejaram sobre mim num bar

Minha tosse feroz, meu tesão preso

num cubículo

Minha paixão enfurecida pela distância

Um sofrimento maior pelas coisas não

ditas

Um papel pela metade, uma cerveja esquentando no copo

Meu sangue fervendo em rumbas desconhecidas na playlist do computador

E você vive cheia de

não-sei

não-sei

Eu deito na tua cama e você se derrama comigo

Eu digo que te amo e você nem-nada

Trava tua

lingua meu amor de Ares

sou Aquário, mas meu ascendente não nega

meu mapa astral é você.

E quando meu temperamento desanda você me ignora Eu sou a PURA RAIVA DO

MUNDO

Mas você sorri e faz cara de paisagem

Finge que não é contigo Passa pra outro assunto, outro assunto qual?

Não

sei

Hoje você não me fez ciúmes, mas eu me enciumei do teu tempo

Do teu tempo

que não é pra mim

Eu que sou todo TEMPO, pra você

E você desagua, você é TODA AMOR

Você é delícia

Você é Joy.

Você é a porra toda concentrada num lugar

Eu vou morrer

Porque o desespero me

devora.

Ser consumido por teu amor de Vênus

Você como

explosão sem fim

meu corpo assumindo uma vibração

febril

de toxicômano

Meu reflexo agora é satisfação, tenho me visto pleno, tenho me visto

satisfeito com o

que sou

e com o que fiz para ser esse que te

encontra agora

Se bom pra você é me devorar

como teu

Amante eterno

Vejamos

como ficamos juntos como naquelas fotografias de casas velhas do teu passado

em que vemos os parentes

casados no século passado

e sentimos que aquela ligação sempre existiu desde um tempo

em

que não existimos.

Tenho olhado pela janela do teu

corpo

vejo um horizonte

talvez um reflexo do espírito da

história

se projetando

sobre mim

dizendo que

assim como nós

O

tempo também acontece.

Marte também morre

Outra vez estar naquele lugar

Naquele lugar que não sou eu O lugar onde ouço o mundo como um cochicho no meu

Outra vez *I solisti veneti* me salva
Por alguma razão, como um

esquizo

ouvido

A loucura me deixa como um Pedro crucificado de ponta cabeça

Tudo o que resta é a certeza de que a dor é o resumo de tudo

Outra vez aquele

lugar em mim

E não há nada poético

É só meu reflexo e mais nada

Construir coisas demanda

A força de mil homens

Que eu

não sou

E o telefone tocar é o suficiente pra fazer um castelo ruir

IMPÉRIOS CAEM COM UM SOPRO

E Marte também morre

Com as

armas certas.

Inconsciências e Afagos

Queria ser desses homens frios feito metal que sorriem e acenam com seu sangue gelado que não se enciumam das coisas que se ama que não mordem os beiços de raiva ao ver que outro toma o que mentalmente acredita que é seu.

É como se todas as estátuas de Bronze mastigassem meu corpo

É como se todas as estátuas de Bronze mastigassem meu corpo

É como se a cidade

falasse comigo

Você não fala

Você não diz

nada

E eu acabo te amando

Como quem ama

Um filme mudo.

Uivos e ganidos de madrugada na Av. Rio Branco

As roupas ardendo em delírio destilado na Noite com a pica em riste e minhas putas queridas batendo suas cinzas nos meus olhos e fumaça com cheiro de cravo eu caminhava

apaixonado pelas manequins das lojas fechadas na madrugada com Miles Davis nos meus ouvidos

a cidade se fechava em mim com seus olhos devoradores e seu cheiro de conhaque e porra dos vagabundos e moças com suas pernas de nylon passando por mim tudo era tesão e amor, e corações cuspindo óleo de máquina

no estômago de concreto e aço o cheiro de maconha e o zunido

de canudos e coca nos banheiros e depois correr através dos postes

e dançar abraçado com os guardas com suas caras injetadas

de ódio e violência socar uma punheta no auge da alucinação num reservado sujo

enquanto garotos chupam e fodem nos outros ao lado.

uivar mil vezes à lua e jurar para si mesmo nunca

fazer nada de bom nessa vida ou na próxima

chorar no amanhecer com amigos bêbados cuspindo sangue e vomitando espuma branca E agora minhas terríveis cadelas noturnas?

> Que a lua desapareceu E não vamos uivar outra vez

senão quando eu morrer,

ou no dia em que não aguentarmos mais as nossas cabeças

de loucura indecente e perigosa

& fizermos um filho na madrugada sem uma camisinha à mão.

Uivar, ganir e expurgar todos os pecados dos nossos pais e dos nossos algozes de ferro com os olhos estourando em doenças

desconhecidas

e nossos corações rasgando em overdoses planejadas

e então perdoar todos os paus, bocetas e cus

mortos enfim.

Atravessar o teu tempo

A carne fria atravessada no asfalto gelado dos sonhos

e você dizendo coisas como faca cortando meu pensamento pela

metade.

A maldade trocada como navalha, mas o ciúme compartilhado em mesas de banquete e a cama se estende

como uma estrada infinita.

O sangue fermenta enquanto meninos caminham pela Moraes e Castro

fervemos os corpos nus no colchão como frigideira evitando conformidades com o

mundo

e suspendendo todos os conceitos em favor do nosso gozo.

Bricks & poemas escritos a quatro mãos numa Remington 22

e nossa masterpiece sendo escrita debaixo do chuveiro às 4 e pouca da tarde.

O tempo que você quer é o tempo que eu

devoro

sofrido, rasgando folhas de calendário e rabiscando paredes

de uma prisão

imaginária

querendo te tomar por completo

sem nenhum pudor

e sendo mesmo

egoísta porque

EU NÃO ME

IMPORTO

que outro vão sentir sua falta lá fora

numa dessas noites em que

o vento é mais frio que a morte.

Mas no fundo

eu espero

com um daqueles Minister & tomando saquê porque na metade

dessa espera

acabou o

conhaque.

Assassinar Outonos no Domingo antes do teu Aniversário

Estrangulei um Outono em coxas

desconhecidas

Suando minhas costas

esfregando meu corpo

com o dela.

Como deuses de puro prazer

que ela sussurra como Joy,

no meu ouvido.

Then

curar meu fogo com uma semana de porres sem tirar a imagem de mulher-deusa-bruxa

da

cabeça.

Como homem: reconheço minha insanidade.

Como poeta: finjo ser só eu-lírico, não

sou romântico.

Assassino amores com meus poemas

sem

língua.

Sou apaixonado, com os braços abertos pro mundo. Toda paixão é um garimpo de pequenas vaidades, você me diz.

Mas não desgruda

a vaidade é minha, mas é tua também.

Nos olhamos como quem se olha no espelho, apesar das diferenças

é tudo igual.

Estrangulei mais que um Outono

na tua cama.

Estrangulei coisas mais fortes e dei vida a outras tantas

sem nome.

Invoquei anjos e bestas sobre o meu corpo no nosso jardim de delícias e lençóis molhados.

Abri uma caixa no meu peito

e deixei vazar todas as potências olhando a tua foto

n'um domingo

às 5 da tarde.

Vicissitudes de um Amor Perro & um demônio deliciosamente perdido

Queria aplacar essa lascívia minha no teu corpo de mulher maldita

matar meu modo de rosnar feito cão e minhas inconsciências no meio das tuas pernas

quero ler poemas pra tua boceta e rir do ridículo do mundo

salvar Rumbas e Flamencos com teu

nome

e rasgar versos vibrando como um louco.

criar anjos em gaiolas dentro de casa fumar cigarros sucessivamente e você me brecando me

regulando

— Nada de vinho, nada de cigarro

Agora você ME fode! — é o que você diz meus pelos se erguem como um gato eriçado e inevitavelmente eu caio em

você

eu mergulho porque não há coisa como mergulhar no teu corpo que se abre como um botão de flor

e você ri

e você me provoca os ciúmes mais obsessivos do mundo

e você me instiga

e você sente ciúmes de mim

e se revolta comigo num impeto de

fúria

eu te disse que você é o Som e a Fúria, de Faulkner

 Você é louco e me deixa louca você responde de volta

e eu entro nessas maluquices de poemas automáticos trincados de vinho e Otras Cositas Más

O que você quer é me colocar

como um cão lambendo teus pés mordendo carinhosamente tuas beiradas

lambendo tuas feridas e esquentando a tua cama como teu

demônio

deliciosamente perdido.

Formas de alcançar você

Você diz:

teus delírios de homem bêbado poeta vagabundo, clichê e bandido

não presta

não serve pra nada além de um objeto de gozo instantâneo

tua paixão é falsa e mau caráter não acredito um pingo no teu empenho

teu sexo é bom, é sincero

um gozo maior sobre tudo

mas tua poesia é mentira

não acredito

não acredito porque não sei se confio na tua

boca

tua boca é lasciva e mede bem as palavras que usa me tentas como o diabo tenta cristo.

No entanto, eu – poeta – te respondo: um cristo que também não é sincero esconde-se nas sombras pra comer pão

fingindo jejum

quem é que não come?

eu é que não deixo de comer

salivo com a memória das tuas coxas sou tesão e sou sinceridade ao mesmo tempo em que sou

um Amor louco

um Amor Perro como disse ao meu amigo poeta de Brasília

> me apaixonei pelos teus beijos no meu peito me apaixonei pelas tuas coxas no meu

pescoço

coisas que eu não diria a uma namorada de anos disse a você em dias

que desgraça e que homem ridículo louco, elétrico

pura invenção do Eros

você que é Afrodite a bruxa que lança feitiços fodidos em minha cabeça eu sou Ulisses

que não se amarrou ao mastro ouço o teu canto e corro em direção ao parapeito do navio

eu sou O Beijo,
de Rodin
eu sou a carne e o espírito
se misturando naquele mármore louco

minha veia é forte e somos potências. Potências loucas.

Teu gozo é meu objetivo meus poemas são formas de te alcançar.

Século XXI, Cães que latem & Cães que mordem

meu sonho é estar onde os homens das estatísticas não me encontrem

sou contra o pensamento rígido de quem não sabe gozar

a

vida

larguei o direito pelo medo de me encontrar com trinta anos e trancado n'um escritório com cheiro de velho andar de terno e gravata em pleno trópico 30 graus lá fora

abracei o cinema e as artes como uma forma de gozar melhor o que eles querem que

seja sério.

aproveitar o movimento de bocas que falam sobre Bergman, Godard e Truffaut

enquanto eu me sirvo outra cerveja e rio de quem anda com ares de intelectual marxista

barbudo e diretor de Centro Acadêmico

eu não quero ser

Acadêmico

eu quero ser Poeta entre um trago e outro

um tiro de largada e outro antes de dormir cigarros infinitos e citações de Hegel por acaso me ocorrem por causa de um outro livro

que li

mas

é Roberto Piva, Baudelaire e meus amigos poetas com cara de ex-presidiários quem

ocupam

minha mente com poemas obscenos e inteligentes, no final das contas.

a cerveja, o vinho o conhaque

rodam no meu estômago como numa montanha russa só a Angustia me motiva

> a preguiça e a luxúria ficam à espreita

Ansiedade é o mal dos jovens do século XXI

eu sou Ansioso e frenético

sequela de drugs e rolês pesados

sinto os tiques nervosos até hoje

lembrando de carreiras e canudos passados enquanto me apaixono por uma ligação mental estranha

que parece que nos conhecemos há milênios

antes de nos conhecermos aqui

um sexo cheio de carinho

e uma intimidade

nascida do Vazio

I'm a dog

o pior do cães.

não desses que latem

e não mordem

mas desses que sabem quando latir

e melhor ainda

quando morder.

Como uma máquina meio a diesel, meio a vapor

Passar dias inteiros trancado em casa me gera uma mistura de angústia & ansiedade como um deus me torturando e me fazendo pensar em coisas desconexas

mal sabem meus inimigos que são nas

rupturas da minha

consciência que moram meus melhores versos

toda conspiração do mundo

contra mim

minha PARANOIA cria imagens de livre associação que eu cuido como bebês

recém-nascidos

sementes de poemas

que brotam como água

no buraco do barco que

afunda

Perguntaria a todos os meus amigos:

— O que fazem nas noites em que tudo parece desaparecer?

Sensação

térmica de 2 graus

E todo o conhaque despejado pelo ralo por uma mulher louca e possessa contra o meu desespero

Eu não uso outras drogas agora sou um

rapaz santo

Alimento meu espírito com cigarro e álcool

Como uma máquina meio a diesel

meio a carvão

Meu peito é um cardan girando efurecido E a eletricidade corre em tensão desconhecida, nenhum aparelho é capaz de medir

Cuspindo farpas contra deus e

o mundo

E enchendo o copo d'água com

Vodca ruim.

Passar dias inteiros trancado em casa me gera uma mistura de angústia & ansiedade

eu nunca

sei o que fazer

Mas quem sabe?

Quem poderá dizer o que devemos ou não fazer com nossa completa falta de controle

sobre o mundo

Somos *homeless* que se angustiam ao serem presos n'um lar

preferia estar preso entre pernas, agora

ou entre os braços

preso entre beijos desconcertantes de uma mulher pela qual eu sinto que estou apaixonado

Morrer às vezes é bom

Literatura é morte, morre o autor e também

Morre o leitor Morremos todos

Não faz sentido escrever sem intenção de matar Nunca tive paciência pra escritores inofensivos. Que não quisessem morrer

Ou não pensassem em homicídio qualificado Segunda-

feira à tarde

O tempo desfeito e nós como revolução dos corpos

1

O tempo desfeito e os relógios que deixaram de marcar as horas os homens acordam saem para seus trabalhos param para o almoço

voltam ao trabalho e

e saem para suas casas

2

com um tempo grudado

no peito

sem olharem os relógios que não marcam mais as horas

Não estamos mais nos locomovendo nem no tempo,

nem no espaço

3

Vivemos no eterno pesadelo da vida unidimensional

e a vida já não vale mais nada

senão

processo eficiência e resultado

4

Meu transe meu porre minha transa meu orgasmo

Estouram como ofensas no ouvido dos homens sem relógio

Eu mesmo

não vivo

e

Minha resistência é o hedonismo do não-shopping

vagueio perneta & caolho num mundo em que até o amor é

questão de

conveniência

Tempo de liquidez dos corpos

eu me materializo correndo e resisto mas eu também sou gente e aos poucos

meu relógio também para de fazer sentido

eu sou o último dos nossos

6

Eu me abraço na minha joie de vivre e abro outro vinho

acendo um baseado no quarto escuro

e transo

com a bruxa mais perigosa do

hemisfério

Sul

E ela me olha como um alguém que

Vive.

Eu me sinto vivo e dividimos nosso fôlego contra o não aproveitamento

dos corpos e

ela me mantém sempre — mesmo nos piores momentos

_

como alguém que resiste

Eu sou a Estaca do mundo

contra a sociedade pós-

industrial e

ela é tão viva quanto a terra que me prende ao

chão.

Somos o tesão contra o mundo

dos Sem-

Tempo.

Redescobrir o corpo com a sensibilidade das mãos

Perdidos no espaço do quarto soltos no lençol gelado de outra noite vazia em que

nos juntamos e trocamos olhares e silêncios

a tua cabeça no meu peito e você me olha com olhos de sentimento

(que eu não sei qual é)

mas você me aperta e eu sinto como

se pudesse

explodir

Eu peço, quero que você fique — não agora, no

sentido de sair da cama,

deixar de ir trabalhar —

mas no sentido do tempo que

fiquemos juntos

no sentido

de ficarmos

de alguma forma nessa coisa de

sentir-se bem Acho que mergulho outra vez nesse lugar suspenso

perdido

Meus olhos se perdem nos espelhos

da

cidade

Os citadinos me olham como louco

sou Eros saltando pela

rua

os carros não me veem, mas o vento

passa por mim

e me corta

Acordamos juntos outra vez, acordaremos

amanhã ou

depois

estaremos juntos de novo?

É importante redescobrir o corpo, não pelos olhos da razão

mas nas mãos da sensibilidade

O mundo já é racional demais em sua

irracionalidade

total.

Sejamos conteúdo e não-forma,

Sejamos corpo — carne

Apago outro cigarro enquanto

te

espero.

Meu tempo é nós

Os prédios da cidade refletidos nos meus olhos de lente

E meu olho-câmera tirando instantâneos do teu corpo

sobre a cama

Minha tosse prenunciando uma

morte óbvia para todos nós

e tua boca de delícias

entregue

ao meu peito Minhas pernas já não se firmam como

antes

Meu tempo

Agora

É nós.

É preciso redescobrir também o tato

é o toque que faz

os corpos reagirem

Os sonhos não permitem a identidade Não respeitam os mortos e profanam toda sacralidade posta por

algo de fora

O sonho é a inconsciência os poemas são

inconsciências

o poema-delírio é a linguagem dos

esquizofrênicos

posta à prova no papel.

São vozes conflitantes dominando a

mesma

caneta

A cabeça se move mais rápido que dedos

sobre o

papel

algumas imagens ficam, como

fotografia,

queimadas no filme outras se perdem por falta de

agilidade

das mãos

como todas as outras coisa na vida

[é pelo tato que

descobrimos o mundo

é preciso redescobrir também o

tato

tocas as coisas com atenção

tocar as pessoas

com mais atenção ainda

Lembrar que não só os dedos

mas

também as bocas e os corpos

reagem ao toque.

O tempo latejante e nossa crueldade contra o mundo

Neste lugar que ocupamos destruíram tudo, rasgaram a terra e ergueram monumentos

que viram ruínas em

horas depois de erguidos concreto e aço corroendo, como um material que se decompõe a céu aberto

as estátuas de um tempo congelado e de um tempo latejante em que despejamos toda a nossa crueldade sobre a cidade e

contra os que não

creem em vidas passadas

Num tempo que já não presta porque não marca

e nós nos movimentamos como cobras sobre

a cama marcada com o suor

cúmplice

rasgando as dobras e as rugas desse tempo

que a gente não conta.

Transamos há quantos anos?

Não saberíamos responder porque são vidas inteiras que passamos

juntos nos poucos dias que chupamos e fundimos nossos corpos

Eu queria morar em você, mas eu saio sempre

meio úmido e você

sempre absurdamente molhada

Eu me abro e você se escancara, fazemos todas as delícias no corpo um do outro

fazemos festa e a madrugada

corre por dentro de nós

enquanto discutimos pós-modernismo, cinema e literatura

As imagens pulam da minha cabeça

como fotografias suicidas

Por isso disse que escreveria um livro inteiro sobre você tua nudez de fogo e seus olhos pretos de abismo levam todos os meus pensamentos

a uma ideia

maluca de amor eterno

que eu nunca

acreditei

Mas causamos incêndios em quartos fechados e mesmo com esse frio

que chega com o inverno

ainda queimamos em fogo alto

Nos veremos hoje? Talvez amanhã

Ok

Você precisa terminar um plano de aula e as coisas do mestrado se acumulam

Eu preciso terminar um livro em duas semanas e enviar pro meu editor

Você é luz, você me cega

Eu penso em ir embora, mas

eu não vou

Você é luz,

você me cega

Mas eu tateio teu corpo sem

ver,

decorei o teu espaço

Você se materializa completa no meu peito Será que teremos filhos em Madrid? Tive esse sonho e eu te disse na cama

febril de conhaque e te

amando como um louco

Daqui a dez anos, talvez

quando eu estiver terminando

o décimo livro sobre você

Você existe mesmo?

Você existe

Eu sinto e nossos orgasmos se encontram mesmo quando não nos tocamos

Você é toda a poesia que li nos

últimos anos

e tudo o que vou

escrever em algum momento

De alguma forma, você é completa

Você é toda de espírito

embora eu

devore a tua carne

Me deito sobre você

não tenho medo de me abrir

vulnerável,

você não me vê fraco

sei que você me ama

quando estou assim

no limite

da explosão.

Eu sou os Cantos de Maldoror nos pesadelos de Lautréamont

Eu poderia ser outro, em algum lugar onde eu, enquanto corpo-carne, pudesse existir

no

mundo como nos colocam

não posso exercer nem carne, nem

corpo

posso simplesmente passar

meu amor ofende o juízo dos mais

sensíveis

os ataques de ansiedade e fúria assustam os menos

mundo.

eu poderia ser outro homem se não fosse já um homem aqui

eu não tenho

vocação pra ser homem

odeio as imposições que me colocam e eu broxo sem

vergonha

de ser feliz.

Eu levo a vida como alguém que não tem mais consciência do Ser-Eu eu levo a vida como um maluco rodado na cidade e mal falado em todos os cantos eu sou o Canto de Maldoror nos pesadelos de Lautréamont

eu sou o cuspe maldito do

mundo contra ele mesmo

eu não sou nada do que eu gostaria de ter sido

e construo pra mim muito mais que um

personagem que se põe contra

tudo

Ela me conhece mais do que todas as outras me

conheceram

ela se derrama sobre mim porque ela sabe que além de

eu sou fraco

eu me debruço nas suas coxas e ela sabe que eu tenho

vontade de dizer carícias em forma de verso eu não me controlo porque somos iguais

em prosa

somos delícia posta em mesa

e todos os que

passam

nos devoram sem saber o que ruminamos

em nosso

tempo de ócio.

mulher nenhuma vale dois anos de reclusão no inferno da penitenciária municipal

O ato de abrir as janelas às 8e30 da manhã parece pavoroso quando você acorda e não sente

a ressaca de vinho chileno —

promoção de ontem —

seu corpo

e você

sentindo que ela te odeia

que ela não vai ficar outra semana contigo

talvez ela esteja sonhando com seus outros carneirinhos

e você só consegue traí-la

com teus

poemas ruins

você abre a janela e vê os ônibus engarrafando o trânsito às 8e45 da manhã

e você pensa no vinho e você pensa que ela outra vez saiu e se divertiu a noite inteira

sem você

você não é nada, você é o café levado na cama o sexo das 9e15 da manhã você é algo que

ela mantém como um amante seguro, uma jarra de carinho instantâneo

como um amor miojo
e nos seus porres, nas suas inseguranças, nos seus pavores
ela te

abraça e diz:

— eu sou sua namoradinha, ela deixa quase escapar

um

eu te amo

mas você não acredita mas ela te doma mas ela te aperta mas ela te morde

mas ela

ela...

você não tem vontade, sua vontade foi embora há dois anos atrás naquela garrafa de Seagers Gin

sua vontade foi naquele chifre que você levou lá atrás

sua vontade é afogar-se

em conhaque

sua vontade é não acordar outra vez

sua vontade é não abrir a janela de

ressaca

nunca mais

sua vontade é juntar suas roupas e ir embora sua vontade é matar todos os outros caras com quem

ela

sai

sua vontade é calcular a pena

do homicídio

de seis a vinte anos, mas você é réu primário mas você é alcoólatra

mas você é

doente mental

então, talvez,

com bom comportamento

são dois anos, um terço da pena mínima

se você realmente

quisesse,

você poderia

mas você não quer.

mulher nenhuma vale

dois

anos de reclusão

n'um inferno material

da penitenciária municipal.

O tempo não é aquilo que guardamos com ponteiros e relógios

1

Tempo é este bicho imenso do qual corremos o tempo todo

Tempo selvagem que nos devora Este tempo que acreditamos que passa

Por que morremos

Tuas labaredas em forma de palavras maldosas se o tempo não passasse por mim ficariam estampadas no

meu corpo de homem cruel

tal qual os outros mas uma coisa é diferente

minha resiliência é por você e meu corpo-carne é a consistência que você procura

Talvez se esquecesse o tempo por um minuto congelaria a ansiedade e poderia descobrir os mundos que se

abrigam no

meu peito.

Este é o tempo no qual fomos postos E por isso o melhor que podemos

fazer

É mastigá-lo

ao invés de mastigar nossos amores O melhor é deitar a cabeça nesta tempestade e construir casas

melhores pro ciclone

que

ainda virá

Como nós não descansamos e vadiamos sonhos inquietos dentro desse

Tempo-monstro e selvagem O melhor é afundar nossos pés nessa terra Dizê-la nossa E construir como arquitetos do

apocalipse

Como se o tempo fosse menor que nossa

vontade

Como se nossa vontade fosse

maior que tudo

E todas as outras vontades não

fossem mais

Que chuvas que batem

neste telhado que fizemos.

Desacelerar o tempo é abrigo.

Teu ronco à noite e teus sonhos espásmicos cheia de uma vontade nervosa de resolver-se de alguma forma

Eu como guerrilha mental

contra a

Ansiedade que nos afeta

Acender outro cigarro na madrugada-

convulsão

dessa

cidade insone

Não adianta mais fecharmos os

olhos

Agora que o

tempo nos viu

Encaramos

o inimigo

Ou morreremos como

amantes derrotados.

CONTOS

— Quem vos ensinou, audaciosos mortais, a praticar ações tão canalhas e vis? Na verdade, tenho pena de vós; ninguém ousa impunemente bisbilhotar nossos impenetráveis mistérios! Existem neste país tantas divindades protetoras, que os homens se tornaram mais raros que os deuses.

Quartila, em Satiricon. Petrônio

O palhaço acena e abandona o show, pela metade

No bar do Bocão, às dez horas da noite. Entro sem cumprimentar ninguém, um único aceno para o gordo atrás do balcão. Ele entende, ele não pergunta o que foi, mas ele sabe. Sabe que voltei porque cavei a minha fossa outra vez, sempre que chego bêbado antes da meia-noite, ele sabe que chego sujo e fedendo à merda, depois de cavar meus sofrimentos de homem burro. Diaz senta-se do meu lado, com a cerveja barata e o cheiro de gordura e cachaça exalando pelo corpo. Ele não pergunta, mas puxa os óculos até a ponta do nariz, pagando de psicanalista maluco. Eu não me importo, bêbado como um porco, amanhã esquece tudo o que eu disser.

- São dez horas da noite e passei o dia inteiro bebendo vinho. É a primeira vez em muito tempo que tento curar o porre sem ter dormido, no alto da noite, tentando reorganizar a cabeça. Ele acena que sim com a cabeça, enquanto me ouve falar.
 - Cheguei a conclusão de que sou um palhaço,

apaixonado sempre pelas piores filhas da puta do mundo, e condenado a me foder como um cão. — Bocão me serve uma garrafa de vinho, ele sabe melhor do que eu o que eu gostaria de beber. Essa noite, não vai me servir nenhum conhaque, com certeza. Sabe que nesse humor terrível, meu temperamento acaba e vou acabar virando um pau no cu depois do segundo copo.

Bocão serve o vinho na taça e bate no meu ombro, sem dizer nada. Homens velhos respeitam os sofrimentos dos outros. Sabem que não adianta falar nada, sabem que o silêncio e os ouvidos são as únicas coisas que realmente confortam um desesperado bêbado com vontade de chorar. Dor de corno é a coisa mais comum nas mesas dos bares mais sujos da cidade. Bocão tem esse bar há mais de vinte anos, ele sabe disso.

— Vou beber outro vinho agora que cheguei e inevitavelmente me passa pela cabeça que deve ser o último. Me sinto derrotado, tossindo e sentindo falta de ar por causa desse inverno desgraçado, mas ainda acendo meu cigarro.

Diaz vagueia com os olhos pelo bar, distraído. Já

não entende porra nenhuma do que eu digo, ele é um filho da puta, mas tem bom coração. Se não estivesse bêbado, eu não sentaria e deitaria minhas reclamações de homem ferido sobre ele. É um cara que sofreu muito mais do que eu sofri e me assusta a capacidade de se manter em pé, depois de tudo isso.

— Meu reflexo no espelho diz que tô indo longe demais nessa pira autodestrutiva, de querer me rasgar de tanto beber, de tanto fumar e de amar as mulheres mais loucas desse circo que virou a minha vida.

Nesse momento eu entendo o que ele procura nas paredes do bar. Com o dedo esticado aponta uma mancha antiga na parede. Molha a garganta com outro gole de pinga e mastiga um torresmo duro, daqueles que estalam como se você estivesse mastigando pedra sabor gordura.

- Amar as putas é o mais destrutivo... — ele diz no dialeto que só quando nós estamos bêbados conseguimos compartilhar. — Aquilo foi uma garrafa de cerveja que quase acertou a minha nuca em... 1999? É... acho que sim. Amar as putas é o mais destrutivo, sabe por quê?

Ele fixa os olhos dentro do copo e procura as

palavras certas.

— Porque elas não dão a mínima.

Bocão faz uma mesura, como quem é forçado a concordar. Diaz agora parece como um filósofo, olhando aquela mancha, num processo íntimo de contemplação e lembrança. Depois se perde, esquece o assunto e perde o fio da meada.

Aí, Bocão... O Eric parece um profeta com essa
 barba — Bocão ri, os amigos e conhecidos em outras
 mesas riem também — é o profeta dos corações partidos.

Eu termino a taça, trago outra vez o cigarro. O temperamento corre limpo outra vez. Bocão é o mais sábio de todos, Diaz é como um aprendiz, e eu sou como o palhaço que acena e abandona educadamente o circo ao meu redor, no caminho pra casa.

Todo bar é um cemitério de utopias

Escuto o papo do bêbado do lado com o conhaque atravessado na garganta. Um moleque, digo, um moleque universitário, como eu também já fui – mas deixei de ser, por uma questão de ordem, como dizem nas assembleias. Ele acredita que salvará o proletariado, com seu discurso de partido vendido. Eu também acreditei, eu também fiz isso, eu também já estive aqui e disse as mesmas coisas que ele agora diz. Bocão, o dono do bar, me olha de rabo de olho. Eu sacudo a cabeça, negativamente, e ele deixa correr o assunto. O garoto emocionado faz o discurso, bêbado como um gambá, como eu vou ficar daqui a pouco.

 O problema são esses pobres capitalistas, acham que são ricos, mas são assalariados.

Bocão enxuga o copo com o pano de prato, cospe na pia e me olha outra vez.

— O problema é essa classe média ... — o assunto segue.

Bocão encosta do meu lado. Continua enxugando o mesmo copo há dez minutos.

— Eu te aturei quando era assim, mas porque você bebe. Pelo menos, você bebe. Esse cara tomou duas cervejas e já tá assim. Não bebe mais nada, não come torresmo, não pede uma água. Parou de gastar dinheiro e passou a ser só um pau no cu.

O cara do lado dele ficava entediado. Provavelmente, um desses que depois de corneados encostam no bar e bebem. Não queria saber de política, queria qualquer mensagem de amor, ou sobre superação. E o garoto alugando os ouvidos dele com motes políticos da mais nova discussão universitária — a mesma lengalenga de quarenta anos atrás — e Bocão, que não fez universidade, nem quis fazer, ficando de saco cheio.

- Mas, de acordo com Lênin... Bocão interrompeu.
- Se tu continuar aporrinhando o saco vou te botar pra fora. Quer alguma coisa pra beber?
- Não, já bebi. Tô conversando com o companheiro aq... Bocão interrompeu de novo.
- Companheiro o caralho. O Júlio acabou de perder a esposa. Câncer. Tu só tá sendo um pau no cu alugando o ouvido dele com política. Mete o pé daqui. Conheço a tua laia, gosta de falar. Leu três livros na vida e gosta de posar de garanhão analista político. Vaza.

Tomei o resto da minha cerveja, intervi.

- Bocão, não precisa ser grosso com o moleque.
 Ele tá empolgado, acha que vai mudar o mundo. Todo mundo acha que vai mudar o mundo. Uns com política, outros com levantei o copo de conhaque, ainda pela metade.
- Tá vendo aquele cara ali? Bocão apontou pra mim — Era igualzinho você. Só que bebia de verdade. Por isso eu aceito ele aqui. Olha ele o que virou. Quer ser um fodido assim? É isso que viram os comunistas que caem na real, eles se fodem. Essa porra de sistema fodeu tudo. Comeu todas as oportunidades. Somos escravos mesmo, mas foda-se, sabe porquê? Tenho uma Smart TV da LG. Saio daqui às quatro e meia, deito e assisto todos os filmes que eu quero ver. Quando era moleque pagava uma grana pra ir no cinema, ia três vezes por semana. Assistia os mesmos filmes várias vezes até sair de cartaz. entraram na universidade, viraram amigos Meus comunistas, sabe onde eles tão agora? Tudo morto. Morreram de desgosto quando a união soviética acabou. Então... ou você cala a boca e larga de ser pau no cu, ou

mete o pé. Não quero nostalgia aqui. Se você perguntar, na sexta feira, metade desse bar já foi do partido comunista, todo mundo sacou que a porra toda acabou. Só você que não, moleque. A universidade de vocês quer reinventar a roda. Minha geração tentou, a geração anterior, também tentou. Essa porra não acaba. A gente vai morrer e o capitalismo vai estar se reinventando, porra. Então bebe, que a frustração vai embora.

O garoto ficou calado e ficou vermelho, depois ficou roxo, depois verde, depois azul. Sentia raiva. Xingou Bocão de coxinha, conservador, burguês, pobre-capitalista e saiu. Bocão veio até mim.

- Se você tivesse feito isso, eu teria quebrado seus dente.
- Bocão, antes de comunista, sempre fui alcoólatra. Você é maior que Lênin pra mim.

Ele riu, serviu outro conhaque. Acendi um cigarro e Júlio olhou pra nós, com os olhos cheios d'água, bêbado como o cão, sem saber o que tinha acontecido.

Pequeno conto das desilusões do homem

Em algum momento fica claro que tudo está posto. O temperamento e o rancor, os ciúmes jogados em copos cheios, as paixões que se rasgam e a vida que segue sem dar a mínima. Ela própria, a vida, sabe que tem um fim. Mas ela persiste, até o dia em que acaba. Hemingway dizia que a vida quebra a gente e isso nos torna mais fortes onde somos quebrados, é isso ou morremos.

Microconto sobre um taco de sinuca

Há tempos que quero contar essa história. Em parte, você que lê, deve saber que essa é minha vida. Sem dúvida a história começa no Bar Luís e, acredito, deve terminar lá também. Ele, um metro e oitenta e oito, ombros largos, queixo duro, a barba grande — porte físico de um bom alemão; Eu, um metro e sessenta e sete, mãos pequenas, o nariz largo de fraturas antigas — porte físico de um bom latino. Eu sempre tive um bom instinto, não

compreendo como não previ o som zunido do taco vindo na minha direção. Ela grita com uma voz seca, os olhos arregalados olhando diretamente alguma coisa acima da minha cabeça. O estalo de madeira partindo e o sino de nocaute tocando. O taco partindo o osso *parietal* do crânio e minha visão apagada no topo da mesa.

Cada término é uma morte em mim

Éramos oito amigos numa mesa, eu e minha mulher, um casal de amigos, dois amigos solteiros e outro casal de amigos. Era aniversário de V — com seu copo de pinga — ao seu lado, sua namorada C com cerveja; os dois solteiros P e S compartilhavam um cantil de cachaça de banana e tomavam cerveja; o outro casal L e M bebiam cerveja; e eu e minha mulher bebíamos cerveja e também cachaça, não nos olhávamos mais — já estávamos na reta final, quase não nos suportando mais, mas apegados demais à ideia de que nos amávamos. É impossível amar sem bases sólidas, eu acredito. Amor é arquitetar uma casa, tijolo por tijolo. Amor é como compor uma música, se os instrumentos não se afinam (e se adaptam) não se faz uma orquestra.

Ela não deixava de olhar o celular, coisa que me apavora (pessoas que não largam os celulares quando estão com outras pessoas numa mesa). Eu provoco, digo:

— Vai ficar a noite inteira no celular?

Os amigos continuam a conversar. Uma mesa de

amigos bem regada e com bons interlocutores nunca fica em silêncio. Ela me responde com um olhar de fúria e um corte seco:

— Não começa.

O clima pesa. Os amigos notam, tentam trazer nós dois de volta ao assunto.

- E você o que achou das gravuras dele? no caso falávamos das gravuras de P.
- Não sei, ainda. Não fui à exposição, só o que vi foi o que ele me mostrou antes de ficarem prontas. São boas, eu acho, são boas. Coisa de potência. Viu as fotografias da D? D , no caso, era minha mulher. Boa fotógrafa, mas com pouco senso artístico. Não adianta tirar uma foto maravilhosa sem propósito. A arte que não se propõe, não se valida. Vira objeto de decoração.

Eles não viram, só M viu e gostou. Prosseguimos o assunto, mas morreu outra vez. Ficamos em silêncio, num daqueles constrangedores. Apaguei o meu cigarro no muro e chamei P, L e V para uma sinuca. Nos juntamos e subimos, trocamos de mesa, para a outra dentro da sala de sinuca. O único lugar no interior do bar em que se

pode fumar. Claro que tudo com certa discrição, inclusive um baseado e outro acaba rodando lá dentro e as partidas vão ficando cada vez mais turvas. Ela me olhava, de canto de olho, bêbado como o cão. Talvez o nosso maior problema fosse a maldade que tomava conta de nós dois quando bebíamos, depois de bêbados não nos suportávamos, ficávamos ciumentos e belicosos, ficávamos maldosos um com o outro. Eu ria das caretas que ela fazia, odiava me ver jogando, odiava me ver bebendo e arrisco dizer que odiava me ver escrevendo, também.

Havia um estranhamento em nós, a paixão acabou e não sobrou muita coisa, além do carinho e do sexo. E mesmo o sexo já não era tão bom, como uma brasa fraca e sem combustível, ela não acende. Terminamos no dia seguinte, na casa dela. Deitados sob as cobertas e ela me olhando como quem não quer dizer, mas ela disse. Eu senti um soco no estômago e acabei chorando, chorei como um bebê. Entre a ressaca, o término e uma vontade horrível de vomitar saí pela porta da frente com minha bolsa levando quase tudo que eu tinha na casa dela.

Entre um bar e outro fui andando até à casa de L, lá estavam meus amigos — como sempre, prontos pra me receber. Acendemos um cigarro e tomamos algumas cervejas (eu já ia ficando embriagado outra vez) e eu chorei um tanto mais. Sou um bom chorão, sentimental e temperamental.

— Vamos lá, vamos lá. Quem te vê na arruma não imagina o quanto você chora. Você sabe que chorar não vai te levar à lugar nenhum, além do mais, você já sabia que era inevitável.

Saber que algo é inevitável não diminui o sofrimento quando o inevitável acontece e, no mais, sou uma espécie rara de latino, apaixonado, canalha e sentimental. Eu não me compreendi & convivo há décadas comigo mesmo, então não se esforcem pra ir além disso. Talvez minhas ações se expliquem mais sobre o meu caráter que eu poderia explicar escrevendo sobre ele. Olhei pra mim mesmo no reflexo do espelho do banheiro e me dei o espaço de uma semana, disse assim: "Você tem uma semana. Em uma semana você chora, bebe e xinga. Na outra você se recompõe e retoma a sua vida de cão. Nunca

foi mais do que isso, cão, e não vai deixar de ser agora."

Bebi conhaque & vermute tinto durante quinze dias, uma semana bastou só e somente só para o luto, para o mal estar contra o mundo, nada bastou. Imaginem como andei entre garrafas, como se noutras situações fosse diferente — mas admito que peguei pesado durante quinze dias de existência. As semanas foram se passando, meu instinto cão foi se realocando e outras mulheres passaram pelo meu corpo. Me visitaram como se visita um restaurante. Você entra, faz o seu pedido, come & vai embora. Fui visitado e me deixei visitar durante vários dias, sem nenhum remorso. Sexo casual é bom, não sou adepto da culpa cristã — fugi do catecismo muito antes de saber o que era sexo — mas chega uma hora que cansa.

É aí que as coisas mudam e você se pega entre um cigarro e outro, olhando o carros passarem na avenida enquanto você bebe sozinho. As mulheres, em si, não se interessam por você se você não está disposto a fazer o jogo. A não ser que elas também estejam cansadas do jogo, é aí que você embarca. E é aí que você se machuca

outra vez.

Uma mulher pode matar um homem só com as pernas & um homem pode morrer e ressuscitar mais que Jesus

Entre elas, vieram Vânia & Gabriela. Vânia se deitava e reclamava dos outros homens com os quais dormia: "São todos juvenis", ela dizia. "Não conseguem ir até o fim, fazem tudo desabestalhadamente, como porcos no cio. Broxam, sem a mínima decência de fazer algo. Pensam que só o pau resolve as coisas". Eu ouvia e logo depois me entregava, ela vibrava com as minhas mãos e com a minha boca. Depois ia embora, como quem se serviu & satisfeita, paga a conta e se vai. Gabriela, esperava um amor verdadeiro, queria algo mágico: "Eu acredito nisso, eu quero acreditar. Quero que aconteça uma daquelas coisas mágicas do cinema, um amor de verdade". Depois de um tempo, sua preferência entre homens e mulheres foi tendendo cada vez mais para o sexo feminino, até que deixou de aparecer. Conversamos, falamos muito sobre tudo, inclusive sobre o fato de "não querer mais homens". Concordei com o fato, sempre achei homens e o masculino em si insuportáveis. Não tenho vocação pra ser homem, embora tenha um pau entre as pernas & goste de mulheres. Não sou o homem que meu pai queria que eu fosse, da minha masculinidade só resta um último fio que me prende ao gênero. Minha orientação sexual só se sustenta porque não encontrei um homem que não fosse exatamente o que eu abomino & as mulheres que surgem são cada vez mais interessantes. Meu tesão, no final das intelectual mais que sexual. Embora sexualmente eu seja quase insaciável. Quase, porque Ela me rebateu. Não tenho tanta insaciedade quanto Ela. Foi o que descobri entre nossos lencóis malditos, cheios de esperma, suor, sangue & líquidos dela.

Quem tem padrinho, não morre pagão — disse minha mãe

Leo me encontrou no Bar Luís. Afundado em dez garrafas de cerveja e sem condição de pagar. Bêbado, recorri imediatamente ao meu anjo da guarda, ele me socorreu e pagou o que restava da conta. Disse no caminho:

— Da próxima vez te largo lá pra se foder e largar de ser otário. Tenho cara de babá de bebum? Porra, tu já foi melhor que isso.

Eu já fui, sim. Inclusive hoje sou melhor que isso. Digo porque ergo a taça até a boca e sei exatamente o que estou bebendo. Naquele momento, eu só queria esquecer. Ver os carros passarem e evitar os jogos que eu não queria jogar. Sexo deixou de ser importante, minha libido tinha escorrido ralo abaixo com uma frustração imensa. Os caras do jornal me olhavam atravessado, a roupa amassada, o cabelo & a barba desgrenhados. Meus cigarros caíram de nível — jornalistas se importam com a

marca de cigarro que você fuma — do cigarro mediano, para o mais barato. Você pode trocar de carro & pegar um Passat velho, mas se trocar o cigarro por outro mais barato, eles te olham como derrotado. Você perdeu o amor por si próprio, no mundo dos jornalistas, mas no mundo real eu já tinha perdido muito do meu amor próprio entre coxas que eu não queria estar, mas estava por uma questão de ordem: manter o jogo acontecendo. Por fim, abandonei também o jogo. Quem é que se importa? Vou andar por aí e alguma coisa vai acontecer. Na fila no supermercado ela vai deixar as compras caírem e nós vamos nos encontrar — não, eu sei que não, clichê demais — mas Leo pega meu celular e me faz usar um aplicativo de encontros.

Gasto uma hora todo dia, olhando as pessoas como quem olha produtos na estante, ou como quem escolhe uma fruta na banca da feira. "Hmmm essa talvez, parece ser interessante. Essa não. Essa sim, bem bonita. Essa não, frase de efeito. Essa sim, temos gostos parecidos".

Assim vão passando os dias, entre trabalho & bar... e um aplicativo de encontros.

Amor e Política no século XXI é coisa do capeta & a literatura é o único delírio possível

Sanchez e eu nos encontramos na Universidade. Compramos duas garrafas de vermute e subimos pro quarto alugado dele. Ele decepcionado, um relacionamento aberto acabando com seu humor. "Relacionamento aberto é tirar licença pra ser corno". Mas no final das contas, o chifre ocupa a cabeça de qualquer forma. Melhor que não der nada preenchendo a cabeça enquanto o mundo vai buraco abaixo & nem o teu governo é legítimo.

Parei de pensar em política. Vivemos uma guerra entre Legislativo e Judiciário. O Executivo Federal perdeu completamente seus poderes — será que teve algum dia? — e uma peça cai atrás da outra. A briga é entre os verdadeiros tubarões. Uma caça às bruxas na rua e linchamentos públicos acontecendo diariamente. Quem é que consegue viver? No jornal todos se patrulham, ninguém quer ser visto como "do outro lado". E cada

jornal agora tem um lado, cada lugar é próprio de uma tendência política e você é agredido se invade o lugar dos outros. Falar virou um pecado capital. Cale-se, você também é opressor.

Penso em literatura como delírio. Se escrevo um poema, que seja alucinado. Se escrevo prosa, que não faça sentido nenhum. E as condessas do bom senso que tomem seus chás, eu estou pouco me fodendo.

Experiência estética & prosa-delírio

Cheguei às 6:30 em casa, dia de folga. Não sei como cheguei em casa, mas acordo assustado meio-dia e quarenta e cinco & olho minha carteira. Sumiram trinta reais que me restavam. "Me roubaram ontem à noite", penso. No entanto, o mais provável é que eu tenha gasto com alguém, tenha pego um táxi ou simplesmente deixei cair da carteira pagando a conta. Tem três anos que não perco dinheiro no meio do porre, velhos hábitos não morrem. Jim me liga e diz que quer me mostrar um quadro, eu digo que ele venha depois das três, quando vou estar pronto pra servir uma cerveja e podemos beber juntos enquanto ele me mostra o novo Jagunço que ele pintou no meio do porre de cachaça.

Ele chegou às quatro, eu mesmo já havia me servido uma cerveja esperando a visita. Jim passa pela porta com um quadro imenso e coloca a favor da luz da janela da sala do apartamento. Acende um cigarro e fica olhando, com os olhos cheios d'água para o próprio quadro, sem dizer nada. Eu tranco a porta e vou andando

— ainda não vi o quadro — e me coloco do lado dele. O quadro é uma maravilha do novo mundo, eu digo pra mim mesmo e acendo um cigarro. Fico olhando o quadro junto com Jim, ele é o pintor mais talentoso que eu conheço — não conheço muitos, mas isso basta, ele é maravilhoso. E meus olhos também se enchem de lágrimas e quando suspendemos o silêncio só o que dizemos é:

— A experiência estética em si. A ressureição do quadro.

Que foi um trecho da nossa última conversa sobre pintura & objeto de pesquisa do nosso antigo grupo de pesquisa em Estética na universidade. O fato estético, quando acontece, é como um beijo da mulher que a gente ama, como carinho de mãe, como beijar a boca de Cèzanne.

Das mortes que a gente planeja

Sonhei em matar todos os seus amantes
na loucura de tentar te convencer a ser só minha
mulher nenhuma vale a cadeia
por isso
deixei um livro
pra te matar
dentro de mim.

A Literatura é o Único Delírio Possível Copyright 2018 Eric Moreira

Published by Appaloosa Online Indie Publishing

www.appaloosabooks.com